

José Miguel Wisnik de graça no Espaço BNDES

PÁGINA 2



'O Agente Secreto' chega forte no Festival de Lima

PÁGINA 5



Conheça cinco destaques lusófonos na Flip

PÁGINA 6



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

A música de Johann Sebastian Bach (1685-1750), mestre do barroco, ganha nova dimensão ao som da viola caipira e do violão brasileiro no concerto "Bach Viola Sertão", que será apresentado em quatro unidades do Sesc RJ a partir desta quinta-feira (31). O violonista Caio Cezar Sitonio e o violeiro Pita Cavalcanti desenvolveram um repertório que inclui prelúdios, fugas e invenções do gênio alemão, adaptadas para instrumentos que carregam a identidade sonora brasileira.

"A sonoridade brasileira do violão e sertaneja da viola caipira estabelecem um diálogo artístico e musical entre o Barroco Bachiano Setecentista e o Barroco Nordestino Brasileiro, este caracterizado por um existencialismo dramático que consiste em inventar e reinventar, ao seu modo, os determinismos clássicos e universais", explica Caio Cezar. O músico destaca como essa abordagem incorpora "antropofagicamente outras experiências vividas, outros valores, outras culturas", transformando essa incorporação em traço característico da cultura nordestina e latino-americana.



Divulgação

Caio Cezar Sitonio e Pita Cavalcanti selecionaram 14 peças de Bach para este projeto

O sertão vai virar Bach

Os pernambucanos Cezar Sitonio e Pita Cavalcanti apresentam concerto que dialoga entre o barroco setecentista e a sonoridade nordestina

A seleção do repertório privilegiou 14 peças da obra de Bach que melhor se adequassem ao conceito estético e às características dos instrumentos da dupla. Entre elas estão prelúdios como o BWV 847 e BWV 855, fugas que incluem a BWV 848 e BWV 881, além de invenções como a BWV 772 e BWV 785, culminando com a Partita Allemande BWV 1013. Cada obra foi cuidadosamente adaptada para explorar as possibilidades expressivas da viola caipira e do violão, mantendo a integridade estrutural das composições originais, mas incorporando brasilidade.

SERVIÇO

BACH VIOLA SERTÃO
31/7, às 19h, no Sesc Ramos (Rua Teixeira Franco, 38)*
2/8, às 19h, no Sesc Três Rios (Rua Nelson Viana, 327). Grátis
8/8, às 19h, no Sesc Teresópolis (Avenida Delfim Moreira, 749, em Várzea)*
14/8, às 19h, no Sesc Campos (Avenida Alberto Torres, 397, no Centro)*
*Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia), R\$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Uma usina de experimentos

Músico e ensaísta, José Miguel Wisnik mostra seu novo álbum, 'Vão', no Espaço BNDES

Por Affonso Nunes

José Miguel Wisnik retorna aos palcos cariocas nesta quinta-feira (31), às 19h, no Espaço Cultural BNDES, para apresentar seu mais recente trabalho, o álbum “Vão”. O compositor e ensaísta, reconhecido tanto por sua produção musical quanto por seus ensaios sobre cultura brasileira, propõe neste novo álbum uma experiência sonora que dialoga com diferentes gerações e estilos da música nacio-

nal, criando pontes entre o clássico e o contemporâneo. O trabalho foi fruto de uma colaboração a quatro mãos com o produtor Alê Siqueira, que vive em Portugal. “Atualmente ficou muito comum gravar à distância, com músicos que estão em outras cidades e têm seus próprios estúdios. Alê mora em Portugal e trabalhou de lá, sem problemas. As distâncias e o isolamento trouxeram restrições, principalmente, é claro, para a realização de shows, mas expandiram os modos de interação à distância”, explica Wisnik. O disco se caracteriza por um exercício de intertextualidade musical que vai de Tom Jobim ao BaianaSystem, construindo uma espécie de jogo labiríntico com outras canções. Essa indefinição estética revela uma das mais importantes facetas



Bob Wolfenson/Divulgação

José Miguel Wisnik explora camadas distintas da canção em ‘Vão’

de Wisnik: a recusa a classificações rígidas. Temos ao longo de toda sua trajetória, um compositor comprometido em levar ouvinte a experiências mais complexas. No BNDES, Wisnik estará acompanhado de Alexandre Fontanetti (guitarras), Swami Jr (baixo e

violão), Alexandre Ribeiro (clarinete e clarone) e Sérgio Reze (bateria). O espetáculo contará ainda com a participação especial das cantoras Marina Wisnik, sua filha, e Celsim. A trajetória de Wisnik como compositor sempre esteve entrelaçada com sua atuação como pensador da cultura brasileira. Professor e autor de ensaios fundamentais como “O Som e o Sentido” e “Ve-

nenho Remédio”, o artista transita entre a criação musical e a reflexão teórica. “Entrei no curso de Letras querendo ser músico e escritor, e saí professor de literatura. As coisas eram conflitantes pra mim na época. Achei que ser músico exigia se dedicar exclusivamente à música e que, portanto, eu não tinha o direito de ser músico. Com o tempo vi que as coisas são mais fluidas. Chico Buarque é compositor e romancista, Caetano é compositor e ensaísta, Arnaldo Antunes, Cacaso, Wally Salomão, Alice Ruiz, são poetas do livro e da canção, Antonio Cícero também... Essa acaba sendo uma característica da cultura brasileira”, reflete em entrevista ao portal Scream & Yell.

SERVIÇO
JOSÉ MIGUEL WISNIK - VÃO
31/7, às 19h
Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100)
Entrada franca mediante retirada de senha a partir das 18h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Encerramento

O XX RioHarpFestival 2025 se encerra quinta-feira (31) com três apresentações finais. No CCBB RJ, às 12h30, se apresenta a eslovena Naja Mohoric (foto), seguida pela italiana Alba Brundo às 15h. Às 17h, na Igreja da Candelária, o Coral Vozes da África atua com Lilian Amancai na harpa Kamale n'goni africana. O festival realizou mais de 84 apresentações gratuitas, reunindo harpistas do Brasil, Eslovênia, Espanha e Itália, explorando tradições clássica, celta, japonesa, africana, árabe, indiana e sul-americana.

Divulgação



Na bossa do Tom

O pianista Marcos Ariel apresenta “Piano com Tom Jobim” nesta quinta (31), às 21h, no Vinicius, acompanhado por Tino Jr (sax/flauta) e Roberto Marques (bateria). O show reúne clássicos da Bossa Nova como “Garota de Ipanema”, “Águas de Março” e “Desafinado” com arranjos originais. Ariel, que conviveu com Tom Jobim em Lisboa (1992), narra curiosidades sobre as composições e o universo da Bossa Nova. O repertório baseia-se nos CDs “Piano com Tom Jobim” e “Alone With Jobim”, oferecendo sua leitura do estilo musical brasileiro mais difundido mundialmente.

Divulgação



Salve Roberto Ribeiro!

O cantor Marquinho Sathan apresenta show dedicado a Roberto Ribeiro (1940-1996) nesta quinta (31), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. O espetáculo celebra os 85 anos que o sambista faria, com sucessos como “Vazio”, “Tempo é” e “Liberdade”. Sob direção de Carlinhos 7 Cordas, o show conta com participação de Alex Ribeiro, filho do homenageado. Marquinho e Roberto gravaram juntos “Me engana que eu gosto” em 1986. A apresentação promete recriar o ambiente autêntico de Madureira, berço artístico de Roberto Ribeiro.

Por Affonso Nunes

Apianista Clara Sverner lança nesta sexta-feira (1º) nas plataformas digitais de música seu novo álbum “12 Waltzes”, o 32º de uma robusta discografia. O trabalho representa uma síntese do legado pianístico da instrumentista (hoje com 88 anos), reunindo composições que compartilham uma atmosfera melancólica sob fiterentes perspectivas estéticas.

Ela conta que o projeto que nasceu de uma descoberta pessoal durante a execução da Valsa nº 7 de Chopin. “Estava tocando a valsa nº 7 e sentia uma certa melancolia entremeada ao ritmo de valsa... percebi que era o que mais me tocava e importava”, conta a artista. “Neste momento me veio a ideia de gravar valsas, com esse fio condutor. E fui a procura! Entreguei minha alma ao interpretá-las”, destaca.

O repertório selecionado pela pianista atravessa séculos e nacionalidades, incluindo cinco valsas de Chopin; a “Valse Triste”, de Sibelius; “La plus que lente”, de Debussy, três Choro Waltzes de Francisco Mignone; “Morena”, de Cristovão Bastos e “Valsa Só”, de Ronaldo Miranda. A seleção descortina conexões profundas entre compositores de épocas e estilos distintos.

A trajetória de Clara Sverner, duas vezes indicada ao Grammy Latino, sempre se caracterizou pela abordagem criteriosa tanto do repertório clássico internacional quanto da música brasileira. Formada no Conservatório de Genebra, onde recebeu medalha de ouro, e no Mannes College of Music de Nova York, a pianista construiu uma carreira marcada pela redescoberta de compositores brasileiros como Glauco Velásquez e Chiquinha Gonzaga.

Sua discografia, com mais de 29 títulos distribuídos internacionalmente, reflete um espírito investigativo que a levou a colaborações inovadoras, como a parceria com o saxofonista Paulo Moura, que resultou em quatro discos e no Prêmio Villa-Lobos pelo álbum



Clara Sverner teve a ideia de gravar um álbum apenas com valsas depois de se emocionar profundamente durante a execução de um tema de Chopin, a ‘Valsa nº 7’

Almas musicais que se encontram



Divulgação

Clara Sverner explora a melancolia das valsas em álbum que reúne peças de diferentes compositores e épocas

“Vou Vivendo” (1986).

Intérprete de talento reconhecido por público e crítica do Brasil e do exterior, Clara Sverner teve sólida formação que se iniciou em São Paulo com o professor José Kliass. Aos 18 anos, já havia estreado o concerto para piano de

Khachaturian sob a regência de Eleazar de Carvalho. Sua formação com José Kliass em São Paulo e posteriormente com o pensador musical Koellreuter moldaram uma artista que privilegia a qualidade estética e a carga expressiva das obras que executa.

O repertório brasileiro presente no álbum merece destaque especial. As três Choro Waltzes de Francisco Mignone representam a síntese entre a tradição europeia da valsa e a brasilidade do choro, enquanto “Morena”, de Cristovão Bastos, e “Valsa Só”, de Ronaldo

Miranda, trazem perspectivas contemporâneas do gênero, uma tarefa a qual Clara Sverner dedicou com ardor por décadas.

A inclusão de compositores como Sibelius e Debussy ao lado de Chopin, um mestre da valsa para piano, revela a amplitude do conceito melancólico que norteia o álbum. A “Valse Triste”, originalmente parte da música incidental para a peça “Kuolema”, carrega uma carga dramática que dialoga com a introspecção chopiniana. “La plus que lente” oferece uma abordagem impressionista do gênero. A veterana instrumentista se deixou guiar pelo sentimento e acertou no repertório.



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Vísceras hão de espi-
rillar pelo Estação
NET neste sábado
com a ousadia do
Mubi Fest Rio de Janeiro de inte-
grar à edição inaugural de sua ma-
ratona autoral a Palma de Ouro
que mais incendiou Cannes de
controvérsia: “Titane”. O longa-
metragem que deixou a Croisette,
em 2021, com um dos troféus mais
disputados da indústria do audiovi-
sual passa em tela grande neste 2 de
agosto às 19h10, seguido pelo tra-
balho mais recente de sua realiza-
dora, a francesa Julia Ducournau:
a mistura de melodrama e body
horror “Alpha”, a ser projetado às
21h30. Essa dobradinha do saba-
dão é o filé da mostra que reúne
parte valorosa do acervo do strea-
ming www.mubi.com, com pré-es-
treias de seus futuros lançamentos.

Com ele, Ducournau rachou
senso na Croisette, uma vez mais.
A única unanimidade em relação
ao que se viu em “Alpha”, em seu
jorro imagético devastador, é o de-
sempenho da jovem atriz Mélissa
Boros. Ela interpreta uma ado-
lescente de 13 anos que passa por
uma fase de clamor do sexo, na
descoberta do desejo sexual, sob a
recorrente tentação de um colega
de escola, num momento em que
uma doença transmitida pelo san-
gue destrói multidões pelas ruas,
sobretudo dependentes químicos.
A peste se chama Vento Vermelho.
É difícil não pensar na Aids ao ver
como o contágio se deflagra, por
meio de agulhas infectadas. Gol-
shifteh Farahani e Tahar Rahim
interpretam um casal de irmãos. A



Agathe Rousselle protagoniza ‘Titane’, uma das Palmas de Ouro mais controversas

‘Titane’ (oni) presente

Ao propor uma
pré-estreia
carioca de
‘Alpha’, de Julia
Ducournau,
neste sábado,
o MUBI FEST
Rio de Janeiro
encontra uma
tela grande para
a Palma de Ouro
de 2021 jorrar
polêmica

médica vivida por Golshifteh, cha-
mada só de Maman, precisa ajudar
o mano Amin (Rahim, em impecá-
vel atuação), que está com os sinto-
mas do tal Vento Vermelho.

Laureado em Cannes com o
Grand Prix Technique (dado à sua
fotografia e a seu design de som),
“Alpha” ampliou o prestígio de Ju-
lia como diretora autora. Revelada
com o périplo de uma estudante
de Veterinária acometida por uma



‘Alpha’ é uma metáfora da realizadora Julie
Ducournau sobre o boom da Aids

vontade incontinente de comer
carne de gente, narrado em “Grave”
(“Raw”, 2016), Ducournau é pari-
siense, tem 41 anos e enxerga o cor-
po como sendo um lugar de reve-
lações e de transcendência, a julgar
pelo processo revolucionário que
suas protagonistas passam a partir
de um gatilho de seus organismos.

A jovem vegana que vira ca-
nibal em “Grave” passa a atacar
pessoas por culpa de uma fome

incontornável. Já em seu filme
avassalador, “Titane”, uma mulher
na casa dos 20 e tantos anos engra-
vida após uma relação sexual sem
preservativo. Seria difícil encontrar
camisinhas que dessem conta de
seu parceiro: um... carro. Por cerca
de nove meses, após uma transa em
que latarias metálicas de agitam,
Alexia (Agathe Rousselle, em lívi-
da atuação) vai expelir um líquido
que parece óleo diesel de sua vagi-

na. Por vezes, a secreção é graxa.
São imagens que, faladas, soam
caricatas, mas que, filmadas com a
elegância e a visceralidade de Julia,
rendem ao cinema uma experiência
inesquecível.

Lançado aqui no Festival do
Rio de 2021, “Titane” investe nes-
sa exortação da potência corporal,
típica de Julia, mostrando a carca-
ça humana como um templo de
afirmação do livre arbítrio, num
estudo sobre identidades performá-
ticas. Cannes premiou-a, mas divi-
diu-se num Fla x Flu tipo “Amei”
x “Odiei” ao fim de sua projeção.
O Festival de San Sebastián viveu
igual situação, há quatro anos.
Houve gente saindo das sessões
quando Alexia bate o próprio rosto
contra uma pia, a fim de deformar
seu nariz. Deformar-se é parte da
reinvenção pela qual a personagem
há de passar quando se assume, sem
culpa, como serial killer, dando um
ponto final à existência de homens
que passam dos limites na apro-
ximação a ela e dando um adeus a
mulheres que não reagem a seus ca-
rinhos furiosos como ela espera. E
ela mata usando um pau de cabelo
como arma. Mas é a segunda trans-
formação por que a moça passa. A
primeira acontece em sua infância,
quando um acidente rodoviário im-
põe a instalação de uma placa de
titânio em sua cabeça. Ali ela vira
ciborgue. Essa metamorfose clíni-
ca expõe a condição maquínica da
civilização, nestes tempos em que
somos, a cada dia mais, centauros
de nossa tecnologia.

Em “Titane”, Alexia, que tam-
bém ostenta uma ferida cicatriza-
da na pele, só tem orgasmos com
veículos de quatro rodas, levando
consigo o fruto desse prazer. Fruto
esse que vai se desenvolver numa as-
tustadora aproximação da narrativa
com os códigos do horror. O que
diluí o tom sombrio – mas não o
clima de bizarrice – é a relação que
Alexia estabelece com um bom-
beiro Vincent (vivido por Vincent
Lindon, em excepcional atuação)
que enxerga nela a filha que perdeu.
É o germe de um amor paterno que
vai descambar para algo sem nome,
surpreendente como cada fotogra-
ma desta aula de biologia existen-
cialista.

Divulgação



O cientista vivido por Wagner Moura é cercado por representantes da Lei no frenético 'O Agente Secreto'

'O Agente Secreto' em rota para Lima



Festival peruano, considerado um dos mais prestigiosos da América Latina, é o próximo passo da consagração internacional do thriller de Kleber Mendonça Filho

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Respeitado há quase três décadas como uma das mais ousadas de trincheiras estéticas da América Latina na preservação e na promoção das invenções audiovisuais, o Festival de Lima, no Peru, é um dos pousos mais estratégicos no voo rasante de "O Agente Secreto" pelas telas internacionais. Agendado de 7 a 16 de agosto, o evento incluiu o thriller de Kleber Mendonça Filho em sua competição latina de longas-metragens, ao lado de outros dois títulos nacionais de peso: "Suçuarana", de Clarissa Campolina e Sérgio Borges, e "O Último Azul", de Gabriel Mascaro.

Após consagrada passagem por Cannes, em maio, quando nasceu para os olhos do mundo, a produção vinda lá do Recife, com o baiano Wagner Moura no papel central já disputou laúreas em Sydney e em Jerusalém, onde ganhou o Prêmio de Melhor Filme. Ainda em agosto, bate ponto no TIFF, em Toronto, no Canadá, que é considerado um carimbo para os olheiros da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood aquela que concede o Oscar. No Brasil, a estreia está agendada para 6 de novembro, com uma promessa de sessões em setembro e outubro pelo país adentro.

Maior promessa de fartas bilheterias para o cinema brasileiro daqui até o fim do ano, "O Agente Secreto" saiu da briga pela Palma

de Ouro de Cannes com quatro prêmios. O júri oficial concedeu a ele os troféus de Melhor Direção e de Melhor Ator, dado a Wagner. Houve ainda o Prêmio da Crítica, concedido pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, e o Prêmio da Associação de Exibidores de Filmes de Arte e Ensaio. Lima pode ampliar seu placar em outras línguas. Lá, ele concorre com joias como o colombiano "Un Poeta" e o chileno "La Misteriosa Mirada Del Flamenco", ambos laureados na Croisette, na seção Un Certain Regard.

Na projeção de "O Agente Secreto" em Cannes, houve um aplauso frenético, de cinco minutos, ao subir dos créditos, e outro de oito minutos, no acender das luzes. Margareth Menezes, Ministra da

Cultura da atual Era Lula, era uma das entusiastas de um filme que jorra tensão nas veias. A destreza de Kleber no trato com a cartilha do suspense e do cinema de espionagem (digo de "Três Dias Do Condor") é notável. Wagner, protagonista da fita em luminosa forma, atua nas raíais do minimalismo.

"Quería fazer um filme nos anos 1970 como exercício histórico, partindo de uns detalhes que brotam do coração. Eu tinha nove anos em 1977, quando a trama se passa", disse Kleber numa coletiva de imprensa improvisada ao fim da gala de "O Agente Secreto", que lotou os 2,3 mil lugares da sala Grand Théâtre Lumière, no Palais des Festivals de Cannes. "A reconstituição do passado tem asperezas, que eu aqui misturei com ideias que iam aparecendo ao longo da escrita. O ponto de partida foi uma notícia de um jornal australiano que falava de uma perna encontrada no ventre de um tubarão".

Essa premissa traz à tona a lembrança de "Veludo Azul" (1986), de David Lynch, em que um turbilhão de eventos se deflagra a partir de uma orelha encontrada num

jardim. No caso de "O Agente Secreto", há a tal perna, que mobiliza policiais num tempo de forte repressão, que é demarcado na delicada direção de arte de Thales Junqueira pela presença de retratos dos generais dos Anos de Chumbo nas paredes. Não se fala do governo de farda verde oliva explicitamente. O que mobiliza o personagem de Wagner é um cerco de matadores

Produzido por Emilie Lesclaux, "O Agente Secreto" carrega um signo uterino ao narrar a busca de Marcelo (Wagner) por algum registro de sua mãe. Ele é um cientista, responsável por um laboratório numa universidade pública de Pernambuco que pesquisa energia. Ao desagradar um representante da indústria com ligações com a Eletrobras, ele passa a ser perseguido, sob a jura de morte. Chega ao ponto se abrigar numa pensão que é definida como um lar para refugiados. Mesmo nessa condição, ele almeja sair do país com seu filho pequeno, ajudado pelo sogro projectionista (Carlos Francisco) e por uma célula de resistência ao Poder instaurado, que tem a misteriosa Elsa (Maria Fernanda Cândido) como operativa.

Acerca das demais atrações do Festival de Lima, concorrem na competição de documentários peruana três produções da Argentina - "El Príncipe De Nanawa", de Clarisa Navas; "Suerte de Pinos", de Lorena Muñoz; "Una Sombra Oscilante", de Celeste Rojas Mugica -, uma da Colômbia - "Alma Del Desierto", de Mónica Taboada-Tapia -, uma de Cuba - "Al Oeste, En Zapata", de David Bim; dois longas do México - "La Libertad De Fierro", de Santiago Esteinou, e "Niñxs", de Kani Lapuerta -, e o paraguaião "Sob as Bandeiras, O Sol", de Juanjo Pereira. Entram ainda no certame de Lima três pratos da casa, representantes das investigações audiovisuais do Peru: "Runa Simi", de Augusto Zegarra; "A Memória das Mariposas", de Tatiana Fuentes Sadowski; e "Vino La Noche", de Paolo Tizón.

As primeiras exibições de "O Agente Secreto" no Brasil já têm data e local: Recife, terra natal de Kleber, no dia 10 de setembro.

Cinco vozes lusófonas para se conhecer na Flip

Autores de Portugal, Cabo Verde e Brasil trazem e levam a Paraty narrativas sobre resistência, memória e transformação social

Por Affonso Nunes

Em sua primeira edição sem a presença de autores de língua inglesa, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2025 oferece ao público a possibilidade de conhecer cinco autores de língua portuguesa que, cada um à sua maneira, exploram territórios literários urgentes e necessários. São eles: a portuguesa Anabela Mota Ribeiro, o cabo-verdiano Joaquim Arena e os brasileiros Cecília Oliveira, Danichi Mizoguchi e Renato Nogueira.

Reconhecida jornalista e entrevistadora da televisão portuguesa que faz sua estreia como romancista na Flip, Anabela chega a Paraty com “O Quarto do Bebê” (Ed. Bazar do Tempo), uma autoficção que causou grande repercussão em Portugal em 2023. A obra, elogiada por nomes como Lúcia Jorge, Djaimilia Pereira de Almeida e Milton Hatoum, mergulha em temas delicados como infertilidade, a experiência do corpo feminino e a descoberta de um câncer de mama. “A escrita se tornou uma forma de resistência, uma maneira de dar sentido ao que parecia incompreensível”, diz a autora, que encontrou na força ambígua da obra machadiana – objeto de seus estudos de mestrado e doutorado – inspiração para construir sua narrativa. Sua participação na mesa “Tristes Tramas”, ao lado da francesa Neige Sinno, promete ser um dos momentos mais tocantes da programação oficial.

Joaquim Arena traz duas obras fundamentais: “Siríaco e Mr. Charles”, com o qual conquistou o Prêmio Oceanos em 2023, e “Debaixo da Nossa Pele”, ambos publicados pela Editora Gryphus. Numa espécie de road movie literário pelo interior português, Arena investiga a presença negra na Europa ao longo dos últimos cinco séculos, entrelaçando histórias de personagens apagadas pelas narrativas oficiais à sua própria experiência como imigrante cabo-verdiano em Lisboa. “Estas são histórias que precisavam ser contadas, vidas que foram sistematicamente invisibilizadas pela história oficial”, afirma o escritor, considerado uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea de língua portuguesa.

A jornalista Cecília Oliveira estreia na literatura com “Como Nasce um Miliciano” (Ed. Bazar do Tempo), resultado de uma investigação profunda sobre o crime organizado brasileiro. Partindo da trajetória real de um ex-policia militar que se tornou líder miliciano, a autora desvenda os mecanismos de infiltração das milícias nas estruturas estatais e revela o modelo de “franquia” adotado por essas organizações para expandir seu domínio territorial. “O que descobri durante a investigação foi um sistema muito mais sofisticado e perigoso do que imaginávamos”, revela Cecília, que utilizou documentos sigilosos e desenvolveu infográficos inéditos para mapear essa rede criminosa que ameaça a democracia

brasileira. Danichi Mizoguchi retorna à ficção com “Eterna Fantasia” (Ed. Dublinense), seu segundo romance que lança um olhar crítico sobre o Brasil contemporâneo. A obra destribe as desilusões e contradições do campo progressista nacional em meio ao turbulento cenário político brasileiro, construindo uma história de amor que mistura desencanto político, pulsão de vida e desejo como forma de resistência. “Queria entender como o amor sobrevive em tempos de ódio, como os afetos resistem quando tudo parece desmoronar”, explica o autor gaúcho, que promete provocar debates intensos sobre os rumos da esquerda brasileira.



Joaquim Arena

Divulgação



Danichi Mizoguchi

Divulgação

Estelle Valente/Divulgação



Anabela Mota Ribeiro

Marcelo Hallit/Divulgação



Renato Nogueira

Lilo Oliveira/Divulgação



Cecília Oliveira

cimentos ancestrais afro-diaspóricos e indígenas, apresentando 103 palavras ou expressões que funcionam como breves ensaios sobre as múltiplas dimensões da experiência amorosa. “O amor é uma força revolucionária que pode transformar não apenas indivíduos, mas estruturas sociais inteiras”, defende o filósofo, que fará a abertura da Casa Poéticas Negras defendendo a potência transformadora das relações afetivas.

Os cinco autores representam a diversidade e a riqueza da produção literária lusófona contemporânea, abordando desde questões íntimas e universais como o amor e a maternidade até problemáticas sociais urgentes. Suas presenças em Paraty reafirmam o papel da Flip como espaço privilegiado de encontro entre diferentes tradições literárias e perspectivas críticas sobre o mundo em que vivemos.

SERVIÇO

23ª FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY - FLIP

Até 3/8

Paraty (RJ) | Programação completa e informações: www.flip.org.br

O teatro como espelho distorcido da realidade contemporânea está na essência de “A Coisa”, um trabalho colaborativo de André Dale, George Sauma e Leandro Soares que assinam em conjunto a concepção, direção e atuação de uma comédia que dialoga diretamente com as ansiedades do mundo atual, estabelecendo pontes entre o palco e as distopias que povoam o imaginário das séries televisivas mais inquietantes da atualidade.

A proposta dramaturgica, desenvolvida por Leandro, constrói uma realidade alterada que ecoa as atmosferas perturbadoras de produções como “Ruptura” e “Black Mirror”, mas transpõe essas referências para o universo específico do fazer teatral. O resultado é uma reflexão metalinguística que transforma os próprios pilares da arte cênica – direção, dramaturgia e atuação – em elementos centrais da narrativa, criando um jogo de espelhos entre a ficção apresentada e o processo criativo que a sustenta.

No primeiro ato do espetáculo, intitulado “A Coisa”, dois amigos descobrem que talvez nunca tenham exercido real controle sobre suas próprias ações, ecoando questões sobre livre-arbítrio que permeiam as distopias contemporâneas.

Em “O Enigma”, desenvolve-se um jogo de segredos entre estranhos que desafia a lógica convencional. E “A Máscara” confronta três atores com uma crise radical: a perda total da expressão facial, metáfora poderosa sobre a comunicação humana em tempos virtuais.

O trabalho colaborativo do trio se manifesta não apenas na divisão de responsabilidades criativas, mas na própria concepção estética do espetáculo. A opção por assumirem simultaneamente as funções de criadores, diretores e intérpretes reflete uma abordagem artesanal que contrasta com a mecanização temática explorada na dramaturgia. Essa escolha metodológica



Face a face com realidades alteradas

André Dale, George Sauma e Leandro Soares assinam concepção, direção e atuação de espetáculo que questiona limites entre teatro e realidade

ca reforça o caráter presencial e artesanal do teatro, apresentado como resistência à impermanência e virtualização.

A dramaturgia intercala os três atos principais com solos e entreatos que expandem a reflexão metalinguística para outros

elementos cênicos fundamentais: iluminação, bastidores, projeções. Essa estrutura fragmentada espelha a própria natureza episódica das narrativas seriadas que servem de referência, mas mantém a especificidade teatral como elemento diferenciador. O teatro surge, assim, como metáfora da vida não apenas por sua natureza efêmera, mas por sua capacidade única de criar presença e comunidade em um mundo crescentemente mediado por telas.

A estrutura cômica da narrativa acerta ao abordar questões existenciais complexas e absurdas da existência humana sem cair na tentação do didatismo.

SERVIÇO

A COISA

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)
Até 3/8, de sextas a domingo (20h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

André Dale, Leandro Soares e George Sauma em ‘A Máscara’, um dos atos de ‘A Coisa’

Fotos/Divulgação



Conexões. **vegetais**



Mercedes Lachmann traz saberes ancestrais femininos na exposição ‘Flecha’, que explora conexão entre arte contemporânea e o conhecimento das mulheres erveiras

Chega à última semana, na Casa França-Brasil, a exposição “Flecha”, da artista carioca Mercedes Lachmann. Trata-se de uma instalação imersiva que dialoga com saberes ancestrais femininos e a conexão com o mundo vegetal, tendo como fio condutor a experiência da artista com mulheres erveiras da Serra da Mantiqueira (RJ).

Com curadoria de Cristiana Tejo, a exposição teve sua primeira versão em 2023 no Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC) de Santo Tirso, em Portugal. “Na exposição do MIEC, o recorte curatorial toma a flecha como elemento que interliga histórias, lugares e tempos. Na Casa Brasil, as flechas são acolhidas pelas plantas, pelo conhecimento das mulheres de saberes ancestrais”, explica Mercedes que desde 2019 incorporou plantas, ervas medicinais e aromáticas em sua poética artística.

A instalação principal ocupa a nave do edifício com quatro linhas curvas suspensas a cinco metros de altura, das quais pendem grandes folhas de bananeira, palmeira, colônia e alpínia. Os elementos compõem um grande bastão de defumação criado pela artista em colaboração com as Mulheres Erveiras da Mantiqueira em 2021, tema do vídeo “O Dia Fora do



**A exposição
teve sua
primeira
versão em
2023 no Museu
Internacional
de Escultura
Contemporânea
de Santo Tirso,
em Portugal**

Tempo”, que integra a mostra.

A série “Flecha”, em ferro, aparece curvada formando círculos no chão e na parede, simbolizando a conexão entre o visível e o invisível. Em “Arraste”, esculturas de madeira descartada pós-desmatamento se combinam com vidro soprado, referenciando o momento em que desmatadores arrastam toras para escoamento.

Os “Totens” são esculturas de restos de desmate trabalhadas respeitando movimentos e cavidades naturais, compostas com esferas de vidro contendo tinturas de ervas. Já “Tropirizoma” forma um “jardim cinético” com 11 elementos cujas bases reproduzem fases lunares e hastes portam vidros com tintura vegetal, conectados por circuito elétrico de três velocidades.

Formada em Comunicação Visual pela PUC-RJ, a artista foi indicada ao Prêmio Pipa em 2018 e integra o coletivo @Bora-Girls desde 2020. Participou de exposições no MAC Niterói, Museu da República, Paço Imperial e centros culturais internacionais em Londres, Porto e Berlim.

SERVIÇO

FLECHA

Casa Brasil (Rua Visconde de Itaboraí 78, Centro) | Até 3/8, quinta a a domingo (10h às 17h) | Grátis